

**Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória**

**Instituição responsável: Nota Musical Comunicação**

**[www.quilombosdojequitinhonha.com.br](http://www.quilombosdojequitinhonha.com.br)**

**Entrevistada: Maria Lopes de Oliveira**

**Comunidade Barra do Ribeirão, município de Berilo, Vale do Jequitinhonha,  
Minas Gerais**

**Abril, 2014**

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. *Nesse dia a casa encheu de gente* – Entrevista de Maria Lopes de Oliveira. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

## *Nesse dia a casa encheu de gente*

Maria Lopes de Oliveira, conhecida em Berilo como Dona Pretinha, tem 75 anos e é uma das artesãs mais antigas e conhecidas da região. Ela começou a tecer aos dez anos de idade. Aprendeu sozinha, de tanto ver a mãe trabalhar no tear. A mãe, por sinal, era uma excelente artesã e criou os filhos com os cobertores que fazia e vendia, dia a dia. O grande zelo que a mãe tinha com o seu tear fez com que Dona Pretinha só se atrevesse a criar sua primeira peça, às escondidas, num dia em que estava sozinha em casa. A mãe saiu para vender os cobertores e ela aproveitou a brecha. Ao chegar, a mãe percebeu que alguém havia mexido no artefato.

Com medo de que outra pessoa apanhasse em seu lugar, Dona Pretinha revelou que era a responsável por tal estripulia. Para sua surpresa e profunda emoção, no lugar de muitas palmadas, a mãe deu à menina o seu maior presente: o primeiro abraço em todos aqueles 10 anos. E uma incumbência: a partir daquele instante, tamanho era o talento de Pretinha, esta seria sua substituta e a provedora da família, dado que a mãe, adoecida, já não conseguia mais tecer o suficiente. Nesse dia, a casa encheu de gente para conhecer a mais nova artista da família.

Meu nome é Maria Lopes de Oliveira, e meu apelido é Pretinha, minha comunidade é Barra do Ribeirão

*Quantos anos a senhora tem?*

Estou com 75 anos, eu nasci em 5 de julho de 1939

*A senhora nasceu aqui?*

*Aqui, graças a Deus.*

*E seus pais, são daqui também?*

Daqui também, desse mesmo lugar.

*E seus avós?*

Meus avós também. Bom, meus avós, por parte de pai, é daqui, e do lado de minha mãe, é lá do Ribeirão, lá chama Bananal, é pertinho.

*Quantas famílias moram aqui?*

Agora está morando aqui umas 20 famílias, só aqui, porque as do Sanin nós não contamos. Só daqui da Barra do “Birão” tem 20 famílias.

*Quando a senhora era criança morava mais gente aqui?*

Morava eu, meus irmãos, meu pai, minha mãe.

*E o número de famílias no local?*

Na comunidade? Era o mesmo número de famílias. Dos mais novos sou eu mesmo, os mais velhos moravam tudo aqui.

*A senhora lembra das histórias dos seus avós, contando que vocês são descendentes de ex-escravos?*

Eu lembro de histórias de meus avós de sermos descendentes de escravos, porque minha mãe sempre contava para nós. Meu pai morreu muito novo, ficou eu mais minha mãe e meus irmãos. Daí ela tirava o tempo para contar para nós a história. Meu bisavô era escravo, meu avô era escravo, do lado de mamãe, e do lado de papai eram índios. Minha bisavó era índia, e foi “pegada” e criada com meu bisavô, meu tataravô. Então, eles pegaram, criaram ela, e casou com meu bisavô, a vó de meu pai.

Inclusive aqui na beira do rio tem um lugar onde eles caminhavam. Quer dizer que nós não saímos herdando nem de pai e nem de mãe, a gente saiu herdando de nossa bisavó, Egoberta Moreira de Jesus. E aí a mãe contava para nós sobre o sofrimento das pessoas, que vinha de fora para cá, também naquela época, e veio misturando todo mundo, naquele sofrimento. E judiado, porque vinham as pessoas amarradas, inclusive em Berilo tinha um poste que, quando ela passava lá, ela chorava, porque era um desses onde amarrava o pai dela.

*Ainda tem esse lugar?*

Tem, aqui em Berilo. Porque depois foi modificando e foi acabando, depois da assinatura da Princesa Isabel... depois da assinatura dela é que foi acabando os escravos. Mas em nossa família teve muitos que foram escravizados, muito sofrido. Mas aí ficamos nós, levando a vida no sofrimento também, porque nossos pais não tinham nada. Tinha é coragem de trabalhar, lutava daqui, lutava dali.

*A senhora conta para suas netas essas histórias?*

Conto, conto, eles sabem essas histórias. A gente tem que contar para os netos da gente, para os filhos da gente. Mas só que tem isso que, de uns tempos para cá, parece que eles estão achando que a vida está melhor do que aquele tempo, e eles não põe tudo na cabeça, né? Porque Deus me livre também se pusesse, porque eu sempre fui uma pessoa... nunca fui pessoa assim de esmorecer não. Eu sempre fui uma pessoa animada, corajosa, se mandasse eu ir para os matos afora, eu ia, nós fazíamos arapuça, pegava e comia naquele tempo, porque não existia nada. Existia mandioca, cana, essas coisas tinha bastante. Então, nós íamos para o mato, tirava bastante, comia aquilo e, pronto, ia levando a vida.

Até hoje eu tenho saudade daquele tempo. Porque nossa vida foi sofrida, mas a gente acostumou com aquele sofrimento. Minha mãe, quando morreu, estava com 66 anos, era muito doente, eu é que tomava conta de tudo dentro de casa, do que fazer. Eu acabei criando a minha família, e a família dela primeiro, e nós fomos levando a vida.

*Quantos irmãos a senhora tem?*

Nós éramos oito irmãos, alguns morreram e ficamos em quatro irmãos. Desses quatro irmãos, tem eu.

*E a senhora é a mais velha?*

Sou a mais nova. Deles eu sou a caçula.

*Dessas histórias dos escravos que a senhora disse, da sua bisavó, da sua avó, o que a senhora lembra, o que eles contavam, o que era esse sofrimento, o que eles viviam?*

Eles contavam do sofrimento, mas não era assim por conta de coisa de comer e beber não. Eles contavam do sofrimento por causa deles serem muito escravizados. O pessoal não tinha liberdade para nada, tudo que fazia estava ruim. Então, o que eles contavam era isso, sofria demais. E o serviço era um serviço de escravo. Nosso serviço, toda vida, foi um serviço de escravo. Porque eu falo isso, porque ninguém tinha leitura, a gente vivia tudo em cima da ignorância mesmo. Então, nosso serviço era roçar, estocar, plantar.

Mas naquele tempo dava bastante, por isso que eles não reclamavam, naquele tempo dava bastante mantimento. Agora, hoje, que a vida não está muito de escravidão, igual era, o pessoal está mais escravizado. Porque hoje, como se diz, a gente planta, não dá. Naquele tempo dava tudo, a gente colhia feijão. Essa salinha onde vocês estão isso era amontoado de feijão, aquela sala lá amontoadada de milho, guardava o mantimento dentro de casa. Tinha hora que a gente não tinha nem lugar de guardar. Nós pegávamos, nós punhamos dois, três capados no chiqueiro. Nós matávamos um e punha na dispensa, e matava os outros e dava aos outros.

*Dos alimentos dessa época o que a senhora lembra que continua tendo e o que lembra que não tem mais?*

Continua tendo as mesmas coisas, só que é assim: não é coisa de falar “eu tenho” porque ano passado, ano atrasado a gente plantou uma roça de milho, inclusive meu filho plantou uma roça de milho e deu 200 sacos de milho, que ele vendeu, e ficou duas tuiona de milho que deu para passar o ano passado até agora. E já o ano passado e esse ano, o “miozinho” que eles colheram está aí no galpão, pôs num saco, carregou nas costas e pôs aí.

Então a gente tem, tem de tudo. Se a gente plantasse e desse, porque a vontade e a natureza do homem estão aí, e das mulheres também, porque eu também trabalhei direto, minha vida foi na roça. Então a natureza e a vontade estão aí, mas o ruim é que a gente planta e não dá nada. Quando está no tempo, às vezes, da lavoura florescer, aí vem só o sol e acaba morrendo tudo, acaba não dando nada. Acaba a pessoa voltando à estaca zero, ficando sem nada, porque plantou, mas não deu. Muitas pessoas estão melhor de vida, outras estão pior. Porque uma coisa que está nas mãos de Deus nós não

podemos falar assim “oh Deus, faz isso”. Então, tem de esperar por Deus, só a vontade e a coragem é que não pode deixar acabar.

É que nem eu falo para o meu povo: nós reunimos, nós temos associação, e eu falo com eles “gente, vamos reunir, vamos levar as coisas a sério, não vamos esmorecer, porque a gente não pode deixar a peteca cair, a gente tem que segurar ela”. Então, a gente vai remando. Para mim, graças a Deus, criei meus filhos tudo, batendo tear, foi no tear. Eu tenho uma casinha em Berilo, foi feita com meu tear. E meus meninos não é tudo estudado, porque, é como se diz, “veio a voz de São Paulo e tomou, levou”. Lá em São Paulo eu tenho, já estudado, ele trabalha em escola lá, o José Onésio; tem Graça, tem Nascileno, ele trabalha como tratorista, e tem Cida, que mora em Osasco. Nesinho mora na capital de São Paulo, Graça mora em Guarulhos e Nascileno mora aqui perto de Brasília.

*E algum de seus filhos se interessou pelo tear?*

Todos eles sabem tecer, graças a Deus. Mas só com o tempo que vai chegar lá.

*Seus netos também tecem?*

Não, neto que eu tenho mesmo, que está comigo, é essa aí (a menina Carol, presente durante a entrevista). Tem as duas meninas de Beto, mas essas estão agora já estudando. E tem os outros que estão em São Paulo. Tem a outra, a Neci, que é uma boa tecelã. No mais, aqui as vizinhas, que trabalhavam no tear, foram para lá, outras duas que morreram. Agora, de tecelã mesmo daqui da comunidade só eu, comadre Tiana, comadre Maria, tem duas Marias, mais Justina, e as meninas que moram lá no Tabuleiro. Elas dançam catira lá no Tabuleiro, garanto que vocês já conhecem elas, filhas do Leone, mora dentro de Berilo. Então ficou assim, as artesãs saíram um bocado. Só de artesã que eu tinha dentro da minha associação eram 68 artesãs. Mas entre morte e mudança, daí que ficou só nós.

*A senhora aprendeu a tecer com quem?*

Eu aprendi a tecer com a maior facilidade. Minha mãe era artesã, ela tecia, mas ela não gostava que a gente mexesse no tear dela. Ela tecia cobertas, cobertor de lista. Mas um dia eu senti vontade de entrar no tear dela e tecer um pouquinho. Minha cunhada tecia

cobertor, a gente falava assim “cobertor pintado”, mas era a coberta com a benfeitoria, né? Então, eu olhava como ela ensinava a tecer, olhava, eu ficava com aquela vontade de dar uma tecida no tear.

Num dia de sábado, minha mãe pegou os cinco cobertores dela... porque mãe tecia, mãe punha o pano no tear e tirava cinco cobertores no dia. Aí ela pegou seus cobertorzinhos, foi para a feira e deixou o pano no tear. E eu falei: “é hoje”. Enchi um balaio de canela, peguei a lançadeira, fui para o tear e fui tecendo. Coloquei a lançadeira de lado e as canelas de outro lado, peguei os cordões, cortei, coloquei tudinho direitinho lá para poder passar, porque a gente tem que tecer, joga a lançadeira para lá, passa quatro fios e bate o pé, joga para cá e bate o outro pé, e assim vai.

Daí, quando fazia os quatro fios, eu ia lá e passava. Eu teci uma coberta nesse dia, coberta pintada. E aí eu pensava, que mãe era muito brava, “e agora? mãe vai me matar na hora que ela chegar, porque ela vai dar falta desse tear”. Porque ela tecia, ela punha aquelas rodonas, ela punha 20, 30 cobertores de uma vez, mas se virasse um pouquinho ela sabia. Aí eu peguei o tear dela, cortei a coberta, coloquei tudo do jeitinho que estava e peguei a minha coberta que eu tirei, pus fileira no meio, porque era desses cobertorzinhos comuns, que tinha que costurar. Saía dessa largurinha e eu costurava no meio, para a coberta ficar grande. Peguei essa coberta, e pus lá na cama do quarto, da sala, e deixei lá dobradinha. E aqui era um cerrado de colônia<sup>1</sup>, porque naquele tempo chovia muito, era farto, tinha bastante. E pensava que na hora em que ela chegasse eu ia esconder dentro desse colônia para não me pegar.

Aí ela chegou e a primeira coisa que ela fez foi ir no tear, parece que Deus estava contando a ela e me contando também. Ela perguntou quem tinha mexido no tear dela, porque ela tinha vendido só cinco cobertas. Ela pensando alto, achando que tinha tirado aquilo mesmo e eu gritei de lá: “ô mãe, se enganou, foi isso mesmo”. Eu pensando que ia enganar. E ela: “o que você está fazendo aí?” E eu: “estou cortando vassoura”, porque antes a gente varria com vassoura de angico. “Eu estou cortando vassoura para varrer o terreiro.”

---

<sup>1</sup> Conhecido como capim colônia, tem origem na África. Tem a forma de uma touceira grande e densa, que pode atingir até três metros de altura. Geralmente encontrada em regiões quentes e úmidas, que propiciam melhor seu crescimento. Fonte:

[http://www.agronomia.com.br/conteudo/artigos/artigos\\_gramineas\\_tropicais\\_panicum\\_colon.htm](http://www.agronomia.com.br/conteudo/artigos/artigos_gramineas_tropicais_panicum_colon.htm)

Mas aí ela apurou, quando viu que estava faltando mesmo, apurou, e eu não gosto de jogar a culpa em ninguém. Eu tinha que cumprir a minha palavra, porque fui eu que fiz o erro, então, eu tinha que falar a ela. Porque se eu não falasse, ela ia pensar que era Justina, minha cunhada, que tirou o pano, a mulher de meu irmão. Eu não ia deixar ela fazer confusão com os outros. Eu gritei: “ô mãe, vai aí no quarto da sala que a senhora vê onde é que seu pano sumiu, espia aí. Ô mãe, mas pelo amor de Deus não bate em mim, não”. Aí ela entrou lá, pegou a coberta, que não tinha uma pareia. Estava bem tecidinha, bonita, eu tinha colorido as puxada para poder fazer as pintas, mas que estava bonita. Aí ela foi saindo e chorando e gritando todo mundo. Nesse dia a casa encheu de gente. Aí chamou a veia Emília, chamou meu padrinho Manoel, o compadre Camilo, a comadre Justina, para mostrar a coberta que eu tinha tecido.

### *Quantos anos a senhora tinha?*

Eu tinha dez anos. Ela pegou chamou todo mundo e me abraçou. Foi o primeiro abraço (emocionada)... quando eu conto essa história, dá vontade de chorar. Foi o primeiro abraço que eu senti que minha mãe me abraçou. Aí ela foi só me abraçando e falou: “ô minha filha, você pediu pelo amor de Deus para eu não bater em você, pois eu não vou bater em você não, eu vou entregar o seu tear, porque, de hoje em diante, quem vai tecer é você, porque você sabe que eu sou doente”. Aí, a coberta que eu teci ela levou para Berilo e vendeu por 5 mil réis e daí já deu para ela guardar dinheiro, comprar o que precisava e guardar dinheiro. Vendia por esse preço e dava para comprar o sal e o querosene, porque as outras coisas a gente não precisava comprar. Às vezes, ela comprava meio metro de americano<sup>2</sup>, para a gente fazer a sainha para poder ir na missa, era desse jeito.

Aí já ficou assim, eu no tear desde os dez anos. Eu fiquei mais castigada nessa idade, porque com dez anos eu comecei a tecer e, quando eu tinha doze anos, ela já não pôs mais o pé no tear. Eu garanti a família dela, meus irmãos e ela. Não tinha dinheiro para comprar um remédio, então já passou a ter um dinheiro para comprar um remédio. Já passou a ter dinheiro para comprar a base que precisava dentro de casa e também a

---

<sup>2</sup> O tecido Americano é muito procurado para artesanato. Utilizado para bordar, sua procura é mais comum para utensílios de decoração e pode ser usado para fazer toalha de mesa, de chá e jogo americano. Fonte:

[http://www.dcatarinense.com.br/DetalhesProduto.aspx?id\\_produto=434&id=62&n1=4](http://www.dcatarinense.com.br/DetalhesProduto.aspx?id_produto=434&id=62&n1=4)

comprar uma roupinha melhor para poder ir na missa. Comprava aquela chitinha, não era pano bonito, caro, mas um paninho que dava para andar no meio das pessoas.

Naquele tempo sofremos muito, mas Deus me deu essa inteligência. E dessa inteligência ajudou a família de minha mãe. Aí eu criei a minha, casei, estava com 16 anos, aí já vieram os filhos. Eu tecia, não tinha preço, eu pegava e vendia com qualquer precinho aí na rua, um quilo de sal, comprava na minha mão. Domingos e Adélia comprava na minha mão, eles levavam para Teófilo Otoni para trocar por sal e café. E levava também para vender, para fazer sacaria, para ensacar café, em Teófilo Otoni. Isso aí era quando negociava com Domingos e Adélia.

Agora, as minhas peças vendo para Euclides, para Zé Pereira, aqui em Berilo, até que Deus ajudou que a gente conheceu o pessoal de Araçuaí, e esse pessoal veio de lá fazer um encontro com a gente. Temos mais de 500 encontros no mundo. Nós fazíamos os encontros em Araçuaí. Mas vinha as pessoas de tudo quanto é lugar. Aí veio o pessoal de Belo Horizonte, que é o pessoal da Codevale (Comissão do Desenvolvimento Vale do Jequitinhonha), que ficou nos conhecendo. Aí eles já passaram a encomendar para nós as peças.

Eles vinham, e iam para a Roça Grande, mas o pessoal de Roça Grande não gostava de avisar nós não. Vinham, faziam as vendas lá e não avisavam para nós que a Codevale tinha vindo, para nós não vender as peças, e não vendia. Nós ficamos mais por baixo por causa disso. Aí João Tubinho ficou sabendo que eles vinham, pegou e fez um trato com eles, para eles esperarem nós lá no morro da venda e assim eles compravam as pecinhas da nossa mão.

*Dona Maria, vamos falar de lembranças da comunidade, de dança e música na comunidade. Que lembrança a senhora tem das danças que, desde o tempo da sua mãe vocês têm aqui na comunidade?*

Desde menina que nós acompanhamos aqui na comunidade as danças. Meu pai era violeiro, meu irmão, José Garcia, era violeiro. E meu pai gostava de fazer aquela dança de viola, uma passava para lá, outro passava para cá e a dança de Vilão, a dança de Forró, a dança de Batuque. Mais era Batuque, naquele tempo quase não existia dança de Forró, era mais batuque. Dança dos Nove era dança muito bonita. A dança dos Nove

tem que ter nove violeiros; três violeiros vão para lá, três vão para lá, três vêm para cá e a gente passando no meio. E a dança de Vilão também, uma dança muito bonita para quem sabe dançar, e a dança do Batuque.

*Em que momento vocês dançavam o batuque, o vilão? Em que festas?*

A gente fazia as festas de fogueira. Fazia, não, faz. A tradição do lugar. Festa de São João, Festa de Santo Antônio, Festa de São Pedro, Festa de Santana e mais os terços, nas casas, porque nós aqui sempre rezamos os terços nas casas. Agora nós não estamos rezando os terços nas casas porque nós rezamos na igreja. Mas quando a gente quer fazer uma dancinha, a gente vem para as casas, a gente convida as pessoas e vem. E está continuando.

*E todas essas festas que a senhora citou ainda tem, ou deixaram de ser realizadas?*

Tem, tem sim. Não parou, não. Arrumando grupo que dança, tem. Porque não é todo grupo que dança, hoje eles mudaram para música sertaneja, é forró. Mas isso aí não era nossas danças, a nossa dança era aquela dança antiga. Um forró, que eu vejo o pessoal dançar o forró hoje, eu não acredito que ele é forró. O forró de antigamente era um forró rodado. Era um forró rodado e até a roupa para você poder dançar precisava saber que roupa que usava.

*Que roupa era?*

Tinha que ser rodada também. Se o forró é rodado, tinha que ser a roupa rodada também. Não pode ser uma roupinha. Agora está mais para sertanejo, é sertanejo, é bolero...

*Não usa mais essa roupa rodada?*

Usa sim, eu tenho umas oito saias aí.

*A (música) Beira Mar, que a senhora canta, a senhora canta em festas?*

O *Beira Mar* que nós começamos a cantar foi através dos trovadores, com Frei Chico, Lira, lá de Belo Horizonte. Sempre a gente tinha umas musiquinhas assim para gente chegar gritando o povo né? (cantarola) “ainda bem eu cheguei / cheguei perguntando /

cadê Mariquinha / tá na ponte chorando / eu, fui lá perguntar ela, meu Deus / o que tem que tá chorando / iá iá, estrela do mar, io lá lá”. Aí a gente já começava, já vinha gente cantar *Beira Mar*<sup>3</sup>, cantava outras músicas...

(Entrevista realizada em 9/4/2014)

### *Beira Mar*

“ô Beira Mar / quem cantou aqui foi eu, ô Beira Mar adeus são, adeus viagem na areia / adeus, adeus, com adeus, que eu vou me embora / eu morava no fundo do mar, eu não sei quando eu voltarei / mas eu sou canoeiro / vou remando minha canoa, lá para o porto do pesqueiro / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia / menina você venha cá, para ver se tu conhece / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia / você não venha com pouco caso, perto de mim você não padece / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia / adeus, adeus, com adeus, que eu vou me embora / eu morava no fundo do mar, eu não sei quando eu voltarei / mas eu sou canoeiro / vou remando minha canoa, lá para o porto do pesqueiro / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia / quando eu for embora daqui, quero sair avoando / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia / para esse povo não dizer, que eu saí daqui chorando / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia / adeus, adeus, com adeus, que eu vou me embora / eu morava no fundo do mar, eu não sei quando eu voltarei / mas eu sou canoeiro / a coisa que tenho inveja, rapazinho de boa altura / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia / calça branca e paletó, trinta e oito na cintura / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia / adeus, adeus, com adeus, que eu vou me embora / eu morava no fundo do mar, eu não sei quando eu voltarei / mas eu sou canoeiro / vou remando minha canoa, lá para o porto do pesqueiro / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia.”

---

<sup>3</sup> Música do folclore do Vale do Jequitinhonha, depois gravada por Milton Nascimento, com adaptação de Frei Chico e Lia Marques. Fonte: Disco Gerais, de Milton Nascimento.